



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 8 de Novembro de 1975 * Ano XXXII — N.º 826 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo *

Director: Padre Luiz

«O LODO E AS ESTRELAS»

Os Leitores continuam a revelar o maior interesse pel'«O LODO E AS ESTRELAS»!

Não prevíamos tamanho êxito, passe a expressão. Foi pena, realmente, cingirmo-nos a uma tiragem de 8.000 exemplares!

Conclusão: o poderoso reino das almas — é um facto — não alinha com a limitadíssima previsão dos mortais. Bem feito!

Há uma nota, porém, que não devemos omitir: a *corrida* dos Leitores a todas as obras de Pai Américo, do «PÃO DOS PO-

BRES» ao «DOCTRINA».

A propósito, informamos os mais apaixonados pela bibliografia de Pai Américo que estamos, neste momento, debruçados na 4.ª edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES». É uma boa notícia para todos, já que a 3.ª saiu em 1958 e esgotou na década de 60.

Ainda ontem — em cata de uma reserva — fomos abordados por um dos mais ansiosos: «Ai! quem me dê o 1.º volume do «PÃO DOS POBRES»! É o

único que me falta na coleção...»

Deixámo-lo desabafar. Até que, por fim, entrevistamos, escarecendo que já estava na composição. Ninguém faz ideia a alegria que se apoderou deste amigo!

Vamos, agora, como habitualmente, publicar alguns extractos da volumosa correspondência motivada pel'«O LODO E AS ESTRELAS». Opiniões controversas.

Lisboa:

«Já há tempo recebi «O LODO E AS ESTRELAS» e nem acusei recepção, nem um «bem hajam!» lhes disse.

Li o livro e procurei deixar-me penetrar pela sua mensagem.

Mas, para que ela nos atinja até ao fundo, temos de lê-lo com

Cont. na TERCEIRA pág.

Setúbal

● Nós temos sentido bem na nossa carne o turbilhão dos acontecimentos. Por via de querermos ser a porta aberta e uma família para aqueles que a não têm, vimo-nos e desejamo-nos para que os nossos ganhem consciência da liberdade que sempre se lhes quer dar.

Nunca o sentido desta palavra esteve tão deteriorado como agora, que o pregão das facilidades arrasta as consciências ao esquecimento dos valores humanos, dos verdadeiros valores que levam o homem a zelar pelos valores do outro homem.

Noutro dia um filho meu disse-me em palavras suas o que a professora lhe dissera do que era a liberdade. Eu sei quem foi a mestra daquela professora e qual a cartilha em que aprendeu; e incitei este meu filho a tomar sentido das palavras que a mestra lhe ensinou por via do turbilhão, mais da palavra que tem andado por todos os lados, escrita e pronunciada para abastecimento de vocabulários políticos, cujo fim é incutir nos desprezados ideias e fórmulas que roubam e destroem Ideais.

Ela, a verdadeira Liberdade sai do Amor do homem pelo outro homem, do débito que um contrai para com o outro. Quem de nós quiser ser livre, é sempre devedor ao seu semelhante. Esta a Palavra deste domingo.

ÁFRICA

Tendo partido de Lisboa às 23 horas do dia 15 de Agosto, eis-nos, em 16, na belíssima Capital de Moçambique, após 10 horas de voo directo. A chegada, os nossos Padre José Maria, Quim, Elisa e filhos, além do Zequinha, chefe maior da nossa Casa do Índico e ex-tojalense, bem assim seu irmão Miro, hoje funcionário bancário em Manhica, fizeram-nos sentir o bafo amigo e quente da Família nestas paragens longínquas. Se não fossem as minuciosas e de-

moradas formalidades nos serviços de controle, para lá do tremular da Bandeira do novo País, julgar-nos-íamos na nossa Terra.

Após o almoço, no excelente e arejado refectório da casa-mãe, onde não faltam três airosos aquários, obra do Fernando, bem assim uma bela e monumental Ceia, da autoria de Padre Baptista, demos uma volta pela Aldeia, visitando todas as suas instalações. Que diferença em relação à época em que visitáramos, acom-

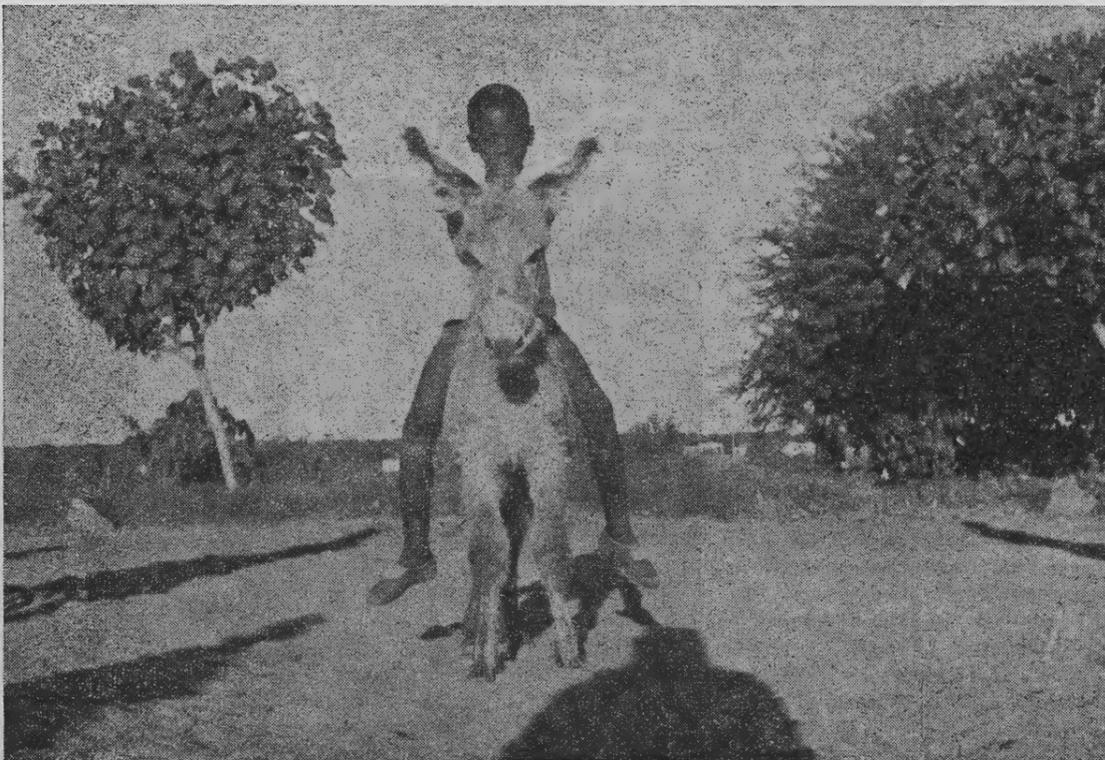
Notas de viagem

panhados por Padre Acílio, os terrenos da que viria a ser a Casa do Gaiato de Lourenço Marques!

x x x

Uma das notas mais consoladoras da nossa passagem de 33 dias pelas terras de Moçambique foi o convívio, dentro e fora da Casa, com muitos dos nossos que por lá labutam, trabalhando árdua e honestamente nos mais variados sectores. O seu apoio moral, e não só, a Padre Zé, bem assim o carinho demonstrado pela Obra que um dia lhes serviu de berço deve assimilar-se, por justiça e para conhecimento de todos. Estivemos com o Daniel, sempre folgazão; convivemos com o «cineasta» e bem disposto Carlos Gonçalves; fomos obsequiados pela ímpar Família Tomás (o «Lar» da Casa na cidade!); sentimos o exaustivo interesse do Luís (ex-Luisito de Paço de Sousa) pela Casa; jogámos às cartas com o «batoteiro» do Pinho; contactámos com o Bino, o

Cont. na QUARTA pág.



Burrizada — um delicioso passatempo, em nossa Casa do Gaiato de Lourenço Marques.

● Foi ontem. Era sábado. Eu estava na oficina à espera da nossa camioneta. «Joanito» entra e fala da sua vida, dos problemas dele mais doutros que já saíram. Ele veio pra nós em pequenino, vindo de Alcácer do Sal. Safu de cá há quatro anos e é hoje um bom pedreiro. Ele próprio o diz: «Trabalho, mas trabalho com gosto e sei que é preciso». Falou-me de outros que andam caídos: «Custa-me vê-los, porque foram da minha criação». Ele quer dizer que «mamaram do mesmo leite» na mesma Casa.

«Joanito» é um dos ressuscitados e dá-lhe pena por ver outros por terra, atrofiados por uma liberdade ilusória de pândega.

Gostava que estivessem presentes os mais velhos e médios das nossas Comunidades, para ouvirem da boca dum irmão, dum experimentado, o testemunho vivo de que não é negativo o que procuramos dar-lhes.

● Nautílio fugiu. Andava na roda dos 18 anos. Foi dos que ainda andaram ao colo das nossas senhoras. Foi daqueles que só conseguiu fazer a 4.ª classe como adulto. O ano passado foi prá serralharia e à noite foi estudar prá Escola Industrial. Não deu nada num lado nem noutro. Agora resolveu fugir. Nós temos medo de que ele mais outros como ele, venham a cair de novo na miséria da rua. Mas que havemos nós de fazer, com tal pobreza

Cont. na TERCEIRA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

POCILGAS — Voltam a ter grande movimento. O «dr. Misturas» não tem mãos a medir, pois ele é que é o «parteiro» (eu também não sei se se chamam assim, por isso calo-me). «Já são cinco ninhadas de enfiada. Alguns até vêm de cabeça!». Tive que assistir a um parto para acreditar que havia alguns que vinham de recuas, porque, por mais que teimasse que o normal é nascerem de cabeça... «Não!», então às vezes tenho que puxá-los pelas patas». O que é certo é que há dias apareceu um com o rabo cortado e de partos desta espécie quem percebe é o «dr. Misturas».

Vem com um braçado de panos: «é a Choninhas, que vai parir hoje». Passa lá parte da noite mas depois chateia-se e vai prá cama. Seis dias depois a Choninhas decide-se e à hora do almoço não deixa o «parteiro» comer descansado. Mais vale comer tarde e a correr que fazer uma directa e no dia seguinte andar a dormir em pé.

Depois é outra que «hoje tem de certeza». Só pra chatear há uma outra que tem nesse dia e a que «hoje tem de certeza» guarda-se pró outro dia. Coitado do «Misturas»! Mas às vezes acerta mesmo: «Olha o que as tetas deitam de leite! Esta hoje tem». E é que teve mesmo!

OBRAS — São na «casa-mãe». Eram as paredes e os tectos que precisavam quem visse que estavam em mau estado. Era mais a instalação eléctrica que «mais dia menos dia dava o berro», como dizia um dos mais pequenos; que a casa-mãe é deles. Agora com interruptores novos e luz em todos os compartimentos até dá gosto acender lâmpadas e nisso elas são peritos. Altas horas da noite, lá vou eu apagá-las de expreitada.

Os fios exteriores, isolados a chumbo e pano, foram substituídos por outros embutidos na parede e com isolamento plástico. Agora já não há perigo de «esticões». Só a conta da electricidade é que no fim do mês é capaz de dar um grande esticão com tanta luz... A ver vamos...

OFICINAS — Tudo já anda pelo melhor. Não há trabalho que resista. A maquinaria a funcionar e lá vai madeira aparelhada para portas, janelas, etc. das novas oficinas.

No primeiro dia experimentou-se a nova garlopa. Foi admiração geral. O barulho era idêntico ao duma sirene. Chegam logo a correr alguns curiosos para desvendar as causas de tão estranho ruído. Sai um carpinteiro: «já estão os hombeiros a chegar; preparem os carros».

A serralharia também já trabalha.

PROJECTOS — Com a desocupação das velhas oficinas pode-se agora

dar concretização a velhos sonhos e projectos. Já vemos, ainda só em imaginação, a velha carpintaria transformada numa grande sala de jogos onde até correr se pode. Onde estava a serralharia haverá futuramente uma biblioteca, um bar, uma alfaiataria, uma sapataria e uma barbearia. Queira Deus que saia tudo conforme o nosso desejo.

E outro projecto que se não podia olvidar: a piscina.

Era pequena. No verão já lá não cabiam todos os nossos rapazes.

Foi difícil arranjar solução, mas depois de muito meditar no assunto o nosso Padre Horácio teve uma ideia que agrada à maioria. Assim, e se possível, construir-se-á este Inverno; e no próximo Estio teremos onde nos banhar mais à vontade. Mas terá de ser obra de voluntários.

Lita

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NÃO HÁ POBRES?! — Hoje..., como ontem, há mentalidades que permanecem anquilosadas; em conserva, enlatadas! É triste. Mas é verdade.

Há dias, numa comunidade cristã, felicitámos a liturgia, homilia e participação dos fiéis.

Como os textos sagrados eram (são) oportunos, contundentes, perguntámos: — Aqui, não é necessária uma Conferência Vicentina?

— Não. Aqui não há Pobres! Queríamos dizer-nos, com certeza, aqui não há Misérraveis. Que bom! Insistimos:

— Olhai: a acção vicentina está muito diversificada. A caridade é inventiva...

— Não precisamos. Aqui não há Pobres!

Naquela manhã, durante a celebração litúrgica, enquanto a Palavra do Senhor bradava aos quatro quadrantes e se preparava a Ceia, os nossos olhos pecadores toparam Cristo na pessoa de um velho, descalço, ajoelhado no meio do templo cheio de calçados e bem trajados.

— Não precisamos. Aqui não há Pobres!

Todavia, o mal é mais profundo. São ditos(as) recoveiros(as) de Pobres seguindo a mesma linha do não-ter-ales-e-os-outros-que-se-arranjem! Choramos ainda mais. Lágrimas escondidas. Mas os Caminhos do Senhor são uma contradição constante! Veio a saber-se, em uma zona assim, de um caso de miséria a quem já se lhe botara a mão...

— Aqui também não há Pobres?!...

Façamos uma paragem e perguntamos a cada um de nós: Que dizer das Viúvas, dos Reformados, dos sem capacidade económica, com ou sem pensões? Que dizer do indispensável apoio aos Auto-Construtores, às crianças e jovens em idade escolar — entre a massa Trabalhadora? Que dizer dos Trabalhadores doentes, cujo subsídio de doença — tardio — não dá

para a subsistência da família? Que dizer dos problemas morais e sócio-económicos de alcoólicos, deficientes, mães solteiras? Que dizer dos problemas burocráticos do Seguro Social, que bloqueiam tantos Proletários; particularmente do meio rural, onde o analfabetismo, ainda hoje, atinge graves proporções...? Que dizer da correlação entre Vicentinos e outras obras afins da Igreja? Que dizer dos novos Pobres — os Retornados — a Pobreza branca, diria Pai Américo, com problemas difíceis e que não desejam viver de esmolas, sim, mas de quem discretamente lhes dê a mão?

E mais e mais e mais — remataria Pai Américo!

PARTILHA — Maria de Lourdes com 150\$00 «para as maiores aflições da Conferência». C. Palma, oferta delicadíssima! Assinante 25205, de Aveiro, com uma grande «migalha para o que entenderes mais necessário». Estas legendas são a maior riqueza desta coluna!

Mais uma nota grande da assinante 24845, da Beira (Moçambique). Outra, 500\$00, de «Uma Portuense qualquer» afirmando que é «uma espécie de multa, que a mim mesma apliquei, pelos gastos um pouco supérfluos das minhas férias». E acrescenta: «Se Deus quiser, aparecerei mais vezes como desejo». Muito obrigado.

Mais uma nota de I. G. P., de Queluz, impressionada pelo «caso do Caseiro» e com sentido cristão de partilha: «Se desejarem que esse dinheiro seja para outro fim, podem dispor dele conforme entenderem». É precisamente quanto o vicentino deposita mensalmente na mão daquela família: 1.000\$00.

Mais um cheque, assim legendado: «Uma gota no mar das vossas necessidades. Peço o favor de continuar a «ignorar» o meu nome...» É da Beira Baixa.

Mais 250\$00 «com um abraço da assinante 26398» e que os Pobres retribuam com amizade. Mais 100\$00 de Isabel, da Amadora. Metade de Laura. Idem, «de uma já velha assinante com o n.º 5687», de Lisboa, «para ajuda das contas da Conferência». Delicadeza!

De Alhandra, 20\$00 «para o Pobre mais pobre da vossa Conferência, pela graça que Deus me concedeu de ver trabalho, Oxalá que nunca me falte, pois não esquecerei os meus Irmãos mais necessitados...» E que dizer desta riqueza d'alma?!

Amigo que trabalha na Rua D. João IV (Porto) aperta a nossa mão pecadora com 60\$00. Seixal: «Com a amizade de sempre, a minha partilha habitual, com toda a esperança no Cristo Libertador dos Oprimidos e Explorados e que sempre andou no meio das massas populares». É do Evangelho! Sempre que possa, com a inspiração do Senhor, trega-nos a Sua Mensagem.

S. João do Estoril:

«Mais uma pequena lembrança para a mulher do Caseiro. Gostei de saber que ela já tinha vindo para casa. Quanta falta ela não fez nos dias

que esteve hospitalizada! O Pai do Céu lá sabe porque o permitiu.

Que o amor de Cristo continue a ser o nosso traço de união.»

Finalmente, outra alma aberta — um Vicentino lisboeta:

«Deus o quer!», exclamavam os guerreiros medievais acorrendo ao chamamento de Pedro-o-Eremita, quando pregava a 1.ª Cruzada. Também na Cruzada iniciada pelo Padre Américo e de que «O GAIATO» é o arauto infatigável, também nós temos muitas ocasiões de dizer: «Deus o quer!»

É o caso do nosso conhecido e

amigo Caseiro e de sua pobre Mulher doente e necessitada de alimentação substancial.

Pois bem! «Deus o quer!» Aqui vai, portanto, um cheque de mil escudos, pequena ajuda, é certo, para o efeito mas que vai acrescentado com uma grande dose cristã de fraternidade e os mais fervorosos votos a Deus Pai Todo Poderoso e a Seu Filho Unigénito pelas melhoras da nossa Doente.

Agradeço uma oração pela nossa Pátria, também doente, e por minhas filhas Maria Cristina e Maria Mafalda...»

Para todos, um muito obrigado em nome dos Pobres — de quem somos recoveiros.

Júlio Mendes

Imagens

O Outono chegou.
Com ele o cair das folhas.
— Chuva fria, miudinha,
Teus pingos
São lágrimas minhas
Da vida que se renova.

Árvores despidas agitam-se.
Sobre os telhados desponta a luz solar.
Na torre as horas cantam...
Mais um dia a despertar...

Parada, a observar
Borboleta que esvoaça
Sobre as águas tranquilas
De um ribeiro que passa,
Uma criança sorri
Com doçura no olhar.

Por campos harmoniosos,
Coloridos, luminosos,
Meninos vão para a escola
De mãos dadas por carreiros
Orvalhados noite em fora.
Aos ombros vai a sacola.

Ramadas apetitosas.
Belos cachos de uva branca.
Gente que canta e trabalha,
Cantando seus males espanta
Em plena manhã clara.

Tudo é maravilhoso!

Manuel Amândio

Marcelino



O «Marcelino», cronista de Paço de Sousa. E também baterista!

TRIBUNA DE COIMBRA

Sabe bem encontrarmo-nos com aqueles que nos procuram. Queremos continuar a viver de mãos dadas e, deste modo, vivermos um autêntico socialismo. Socialismo que admite todos, sem olhar a credos ou graus de cultura, ou posições sociais.

O primeiro de hoje é um jovem que apareceu no nosso Lar com mil escudos; a seguir veio uma mãe com os filhos e oitocentos dele; e depois uma anónima de Miranda que aparece todos os meses; e roupas de Vila Nova de Ourém e de muitas outras terras. Temos a alegria de dizer que quase não compramos roupas exteriores e calçado para toda esta grande Família.

Os nossos que criámos, hoje colocados na vida, quando vêm ver-nos, geralmente, deixam suas ofertas. Muitas destas ofertas, por vezes, recordam-nos — para tornarmos a esquecer — horas amargas que vivemos.

Duzentos de sacerdote; os 100 e mais 20 mensais entregues ao pequeno vendedor; as cartas do Entroncamento a pedir recomendações ao Senhor no Seu altar; 50 em vale de Coimbra; 500 de director de Colégio de Coimbra que nos está muitas vezes presente; 100 dum dia de trabalho; 390 de visitantes.

Muitas lembranças da minha aldeia. São sempre «para os seus meninos». Vinte de visitantes; 300 ao vendedor de Tomar. E falando do vendedor de Tomar, ele continua a vir carregado todas as quinzenas com um grande saco de carne que lhe entregam no mercado e que nos faz imenso jeito. Os vales de Vilar Formoso; 100 em carta de Lisboa; 500 dum negócio amigo; Catarina Isabel vem com sua primeira oferta de 2.000; todos os que vão deixar na Casa do Castelo, Rua da Sofia, onde Maria Teresa e companhia se deliciam ao entregar-nos; uma Filha da Covilhã, que não esquece a Mãe; 500 em cheque da Mealhada; o mesmo, do mesmo modo, do Luso; 200 em cheque de Coimbra; 200 na minha mão; 500 de sacerdote.

Militares regressados do Ultramar com 250. Dinheiro escaldante, porque fruto de renúncia. Cem de Castelo Branco; 50, mais 85, mais 105, mais 136, mais 100, mais 100 de visitantes; C. A. de Coimbra aparece muitas vezes em carta; 1.100 de aumento do ordenado. Nas Ultras encontrando sempre muitas mãos que procuram as minhas. 250 em cheque de Coimbra; 100, mais 600, mais 500, mais 300 dum Senhora muito discreta com envelope levados ao nosso Lar; 50, mais 100, mais 100 de vizinha; 1.000 em cheque do Luso e 500 em vale da mesma terra; 500 em cheque da Mealhada; 1.000 a vendedor à porta de Santa Cruz; 140 de Lisboa; 50 quilos de arroz.

Muitos Amigos apareceram na nossa Casa na Praia de Mira; Dr. Veterinário, sempre amigo, com 2.000; família dum dos nossos padres; famílias minhas conterrâneas; 100 de S. Caetano; 1.000 em cheque de quem nos escudou na igreja; 1.000 por alma dos seus; 100, mais 100, mais 20, mais 20; um carrinho de mão carregado de mimos; muitas vezes peixe das redes; outros mimos que saboreámos.

Quinhentos de Senhora no seu estabelecimento. Faz assim muitas vezes. Duzentos de Dr. Juiz que há 25 anos me encontra; 1.000 em vale de Coimbra; 100 para ajuda do jornal; 5.000 de vizinho a quem «Deus dá sempre para dar»; 1.000 de jovem professora que tem alma

de se dar; 100 de «uma figueirense»; 1.340 que Mãe foi ameaçando para os nossos filhos; 1.000 de professora de Leiria; 300 em vale da Figueira; 200 de Mação, de pequeninos amiguinhos dos nossos; 100 da Lousã; 200 em carta de Coimbra; Senhora que veio com as filhas e com roupas e uma nota de 500. Disse-nos da alegria da visita; visita que desejava fazer há muito.

Cem em vale de Coimbra; cheque de Coruche; 100 em carta de Aqualva; 200 em casa; 200 pelo vendedor de Castelo Branco; 100 pelo vendedor de Leiria; 500 em viagem; 100 em carta de sacerdote; o subsídio anual de 5.000 da Câmara de Coimbra; 2.000 de Senhora amiga entregues a casal nosso;

1.045 e a visita simpática de Professores primários em reciclagem. Mostraram-se muito satisfeitos. Fiquei com pena de não poder estar presente. Mil de sacerdote no fim dum viagem; 5.000 em cheque de Lisboa para repartirmos; envelope que um dos nossos casais foi buscar a Senhora que chamou por nós; 120 do Estoril; 500 em vale de Médico amigo; 500 entregues a um dos nossos; 1.000 em casa de Senhora sempre amiga e que dias antes nos abria a arca do milho; 200 em carta de Coimbra; 100 da Lousã em louvor à Mãe do Céu.

As aflições da Mãe de família, com o peso dos filhos e do marido doente, tiveram acolhimento em muitos Irmãos e

muitos deram resposta: quatro oferentes em vale de Lisboa; cheque de Lisboa; vale de Seia; carta do Porto; resposta da Covilhã; vale de Leiria; cheque da Foz do Douro; chamada do Porto, produto de coisas vendidas; carta do Seixal; vale de Vilar Formoso; carta de Castelo Branco; carta de Coimbra; recado do Porto por Senhora de Coimbra. Pároco e vicentinos daquela terra, a braços com muitas aflições, telefonaram a pedir ajuda para um Retornado que trouxe por fortuna a esposa com sete filhos e mais nada. Tem um terreninho e braços e cabeça para construir sua casinha, mas não tem mais nada. «Se alguém me ajudasse com os materiais, eu faria tudo por minhas mãos.» Demos o nosso sim.

O nosso bem hajam por tantas mãos dadas.

Padre Horácio

«O LODO E AS ESTRELAS»

Cont. da PRIMEIRA pág.

um coração puro e humilde.

Depois..., vem sempre o pior: pôr em prática.

Escutamos, entendemos, como vemos-nos, batemos no peito..., mas tornamos a deixar crescer a crosta do nosso egoísmo, da nossa mesquinhez. Meu Deus, até que ponto somos mesquinhos!

Depois de ler livros como este, devíamos ser abalados até às raízes e começarmos a abalar o mundo.

Senhor, dai-nos Força para tal!...

Coimbra:

«Há muito que ando para vos escrever acerca do «DOCTRINA» e de «O LODO E AS ESTRELAS», que tanto me impressionaram. Mas, se ainda o não fiz, foi porque para mim quando alguma coisa tem tamanho valor, como especialmente o «DOCTRINA», não encontro palavras que exprimam verdadeiramente o que sinto. E, por isso, deixo que a grande felicidade que senti com estas leituras fique gravada no meu coração com uma força tal que jamais, tenho a certeza, deixará de pela vida fora me acompanhar.

Quando acabei de ler o «DOCTRINA» chorei com pena. Gostaria que o livro nunca mais acabasse, porque tamanha luz se desprende das suas páginas que deixou em mim um desejo e, ao mesmo tempo, uma angústia tão grande de ser ao menos um bocadinho católica a valer.

Porque estou um pouco farta de ser católica de Missa frequente e crente, mas tão longe da prática do Evangelho — inteirinho nas páginas deste livro!

Também «O LODO E AS ESTRELAS», embora sem a força dos livros de Pai Américo, é, contudo, uma página viva da miséria que grassava e em certos aspectos grassa ainda neste País, onde os grandes senhores tinham todo o poder sobre aqueles que precisavam de apoio e de uma vida digna.

Para mim «O GAIATO» é um jornal que só tenho pena que ele não entre em todos os lares, mas todos!...

Paris:

«Tenho recebido o jornal e tenho-o lido com a atenção de sempre.

Gostaria de receber também «O LODO E AS ESTRELAS», nesta altura em que tantos pensam ser estrelas e caem no lodo. O título até parece uma piada...»

Lisboa:

«Só agora mando 1.500\$00

para o jornal e «O LODO E AS ESTRELAS».

Queridos gaiatos: desejo que saibam sempre fugir do lodo deste mundo, olhem as estrelas e elevarem-se até elas...»

Porto:

«(...) Há n'«O LODO E AS ESTRELAS» uma camaradagem com Cristo de que eu gostei e que muito estimaria se não houvesse essa Igreja convencional a pôr-lhe barreiras preconceituais... Mas isso não se encontra neste livro. Há uma suavidade na

apresentação das ideias; e acho que muita poesia, não só de palavras mas até de actos, que em si nada têm mas que Padre Telmo conseguiu harmonizar em perfeito conjunto.

Acho que «O LODO E AS ESTRELAS» exprime numa linguagem simples, numa linguagem de amor, os problemas, não a vida, a passagem diferente de homem para homem deste corredor (a Terra), que tem cantos escuros e sujos, mas agora este livro conseguiu traduzir e transformar em cantos luminosos.

(...) Achei isso maravilhoso, essa linguagem de amor, essa lembrança do direito dos homens contra o seu não cumprimento...»

Júlio Mendes

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA pág.

de base? Grandes chagas para aqueles que se sentem pais daqueles que os não tiveram no sentido verdadeiro. Por vezes somos pessimistas. Mas, atendendo ao «barro» com que trabalhamos, também temos doces sabores.

● Hoje foi celebrado na nossa Capela o casamento do Fernando (era o «Russo»).

Algo o prendeu à nossa Comunidade. Quis que tal passo da sua vida fosse comungado conosco.

Que ele guarde pela vida fora o que lhe foi dado nesta Família, da qual ele fez parte. E que nunca as liberdades do mundo lhe roubem o sentimento do compromisso realizado diante de Deus e testemunhado por nós.

● Eu tenho andado a colocar vidros. Vidros de todos os tamanhos e padrões. Vi-

droso que aparecem partidos por causa das bolas, das físgas e não sei que mais.

Eles não dão fé de quanto gastamos em vidros partidos. Eu também não sei; mas a avaliar pelos montes que requisito à Setevidro ou à Covina, digote que é uma despesa grande. Se nos quiseres ajudar com um vidro, alivias-nos.

● Chegaram dois irmãos. São de Loulé. Ainda andam a ver como isto é. Não sei se já repararam que cá em Casa tudo trabalha. Vieram numa altura de muito labor por via da colheita do arroz. Ele é objecto de muito esforço cá em Casa, onde não há mãos a medir, quer na cultura, quer na colheita. Os nossos vizinhos mais dotados deixaram de o cultivar, mas nós temos continuado por via de precisarmos.

Estes dois que chegaram hão-de perceber estas coisas e que os seus mestres foram o que eles são hoje.

● Por falar em mestres: há dias tive que falar muito a sério com um de quem nem sequer sei o nome.

Eu passava na frente da casa e vi os «Batatas» a varrer as ruas. Olhei a ver do chefe. Ele respondeu-me encostado à parede, enquanto os outros pequeninos varriam. Um pau estava nas suas mãos. Fiz-lhe ver, com exemplos, que não era o pau a arma dum chefe. Vamos a ver o efeito da lição.

● As nossas oficinas são o seguimento das escolas caseiras. É nelas que o rapaz dá mostras do seu valor e da sua capacidade. Temos sempre muito trabalho, graças a Deus.

A tipografia está apetrechada com uma «offset» que, seguindo os ditos dos tipógrafos, dá rendimento com trabalhos em grande quantidade. Ora, nós não somos empresa, mas temos barriga. Por isso precisamos de trabalho para esta máquina...

Ernesto Pinto

CAMPANHA DE ASSINATURAS

É uma procissão que mexe e remexe com muita gente, do Minho ao Algarve!

Dezenas de cartas e postais RSF com um, dois, três, quatro e até cinco novos assinantes; não falando de inscrições recolhidas pelos nossos Rapazes, na venda de «O GAIATO», ou entregues aqui pessoalmente.

Concretizando: só durante a última quinzena registámos cerca de 150 novos assinantes. Quase dez por dia! E a nota mais expressiva reside no facto de ser a maioria a inscrever-se por suas próprias mãos.

Evidentemente, são muitos os que exigem informações sobre o «montante da assinatura». Temos obrigação de esclarecer, quantas vezes forem precisas: actualmente são 50\$00 por ano. Mas o assinante dará quanto, quando, como e se puder. Linha traçada por Pai Américo.

Ouçamos alguns porta-vozes da procissão:

Estarreja:

«Venho pedir o favor de me enviarem o «Famoso» pelo correio. O dinheiro segue em vale postal.

Quando estava em Aveiro, comprava o jornal aos vende-

dores. Mas, agora, que estou aqui há meses, nunca mais soube nada dessa Obra, o que me faz imensa falta a sua Doutrina.»

Lisboa:

«Sou admiradora da vossa Obra.

Junto envio o cartão RSF com os nomes e moradas de dois novos assinantes.

Tanto eu como as duas pessoas que indico pretendemos dar anualmente 100\$00.

Despeço-me com a esperança de que, com esta Campanha, consigam arranjar grande número de novos Assinantes.»

Perosinho:

«Finalmente, vou ser vosso assinante! Há longos anos que desejava sê-lo, mas por comodidade nunca vos escrevi.

Ótima a ideia destes postais RSF. Mas acho que deveriam fazer imprimir nos mesmos pensamentos da vossa Obra.

Que Deus vos dê coragem para continuarem a Obra do inesquecível Padre Américo.»

Torres Novas:

«A pobre inválida conseguiu um assinante, que vai completar 14 anos de idade. É pessoa

de muito trabalho no Campo; é cristão, mas em sítio pouco propício... Tem a 4.ª classe. Gosta de ler. E já lhe tenho emprestado leituras sãs...»

Columbeira:

«Sou assinante há bastantes anos, ainda o sr. Padre Américo era vivo.

Nunca consegui um novo assinante, o que me penalizava bastante.

Vivo numa pequena aldeia rural, onde os habitantes lêem pouco. Mas, agora, temos um café com televisão e jornais nas mesas, onde se sentam alguns Retornados de Angola e, então, fui lá pôr o nosso «O GAIATO».

Consegui três assinantes. Estou radiante! Tenho 81 anos, mas a falar da Obra do Padre Américo parece que tenho 20!

Um abraço afectuoso para todos, da velhota amiga...»

Retribuimos com igual afecto. E rejubilamos com a vivência dos seus 18 anos, em contraste com muitos 18 e 20 da nova vagal...
Agora, é a vez do mapa de Portugal: registámos novos assinantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Mira d'Aire, Pinheiro

da Bemposta, Fânzeres (Gondomar), Setúbal, Coja, Pombeiro da Beira, Anadia, Arganil, Queluz, Arroios, Amadora, Miranda do Corvo, Covilhã, Portimão, Lamego, Espinho, Torres Novas, Foz de Arouce, Encarnação, Columbeira, Paço d'Arcos, Vila Real, Praia das Maças, Mortágua, V. N. de Gaia, Gondomar, Viseu, Perosinho (Carvalhos), Mafamude,

Estarreja, Estremoz, Rio Tinto, Valbom (Gondomar), Avanca, Castelo Branco, Sintra, Fundão, Tortosendo, Tomar, Milheirós (Maia), Meinedo (Lousada), Cucujães, S. Domingos de Rana, Custóias (Leça do Balio), Leiria, Nespereira (Lousada), Paços de Brandão, Aveiro, Mem Martins e Algueirão.

Júlio Mendes

BENGUELA

Onde está a paz?

Desde, o começo do mundo que o homem grita pela paz!! Mas nunca a encontrou!

O homem busca esta paz em coisas tão longínquas e mesquinhas, que logo se cansa.

Mas, há sempre qualquer coisa dentro de si que lhe fala baixinho, quando o homem se resolve a pensar!... E então cai em si, e descobre-se!

E o que é o homem?

A resposta é breve: — O homem é a paz!! Mas para que se realize este grande sonho, o homem terá de fazer sacrifícios. Primeiro: terá de fazer paz consigo mesmo, isto é, terá de refrear o seu «ego» e moderá-lo! Segundo: terá forçosamente de descobrir o seu Próximo e compartilhar com ele a sua existência. Por outras palavras: terá de amá-lo! Se o homem conseguir dar estes dois passos, pequenos para ele, mas grandes para a Humanidade — então sim; o homem nunca mais gri-

tará: «abaixo a opressão», «acabem com a guerra», «viva a liberdade» e coisas do género, porque o homem realizou uma grande descoberta e encontrou a paz que sempre procurou há milhões de anos! É tudo tão simples! O homem complica a sua existência, porque tem uma grande tendência de conjugar os verbos na 1.ª pessoa. Eu pergunto: e o Próximo? É bom que saibamos que também existe e que respira o mesmo ar que nós respiramos! Neste caso já são dois. Devemos então conjugar os verbos na 1.ª pessoa do plural, nós, o que obriga forçosamente a uma correspondência para que possamos viver em paz, em harmonia e em perfeita comunhão de uns com os outros.

O homem seria livre como os passarinhos! (que rico exemplo!) e como tal criaria uma sociedade livre para todos nós...

José Afonso da Silva

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA pág.

Ezequiel, o Luís Rocha, etc. Da Família de fora não podemos esquecer o Eng. Mata e os seus, bem assim a Sr.ª D. Alda, entre outros.

x x x

Falar do Padre Zé pareceria mal e não temos o costume de trocar galhardetes. Quem o conhece avaliará. Não ficará mal dizer, porém, que ele é tudo na Casa. Médico e enfermeiro dos animais, contabilista e chefe do posto dos correios, etc., etc. Para lá disso, todavia, é o Padre que consome todas as energias ao serviço dos Rapazes e não só, dando sem reservas o melhor da sua vida pelos seus Irmãos de Moçambique. Assim todos o compreendessem!

x x x

Já do ar nos impressionara, como há 8 anos, o contraste entre a cidade do caniço e a do cimento. Há ali, sem dúvida, uma acusação aos homens responsáveis. As nossas múltiplas passagens pelos bairros periféricos confirmaram mais uma vez o que topáramos do alto. Aqui, como em qualquer parte do globo onde o problema se ponha, é indispensável fomentar a construção de habitações capazes de acolher, em condições higiénicas e de salubridade, as pessoas, tantas vezes vivendo em cortelhas impróprias para animais. Uma ou outra iniciativa, geralmente a cargo da Igreja, são passos desejáveis, nobres e justos, mas não podem resolver totalmente as dificuldades. Só

planos às escalas nacionais as ultrapassarão e não surtem as desculpas habituais, como a falta de preparação e de educação ou o facto de certas camadas não apreciarem uma habitação bem dimensionada e salutar. Também, neste sector, embora infimamente, a Obra procurou fazer algo.

Pelo posto médico da Casa do Gaiato passam, em cada semana, centenas de pessoas. Num dos dias vai uma equipa de médicos ou de estudantes de medicina, amigos desde o começo. Alguns, entretanto, já abandonaram Moçambique. Padre Zé, Fernando e Francisco, entre outros, fazem curativos e dão injeções e remédios. Alguns doentes são levados ao hospital nos veículos da Casa quando não se lhes dá com que pagar os transportes. Neste, como noutros sectores é muito desejada a presença da Menina Trindade. Amar, mesmo quando os homens não entendem o que isso é, é tarefa apaixonante. E neste aspecto, apesar de tudo, ninguém como os cristãos estão capacitados para o fazer.

x x x

O problema do abastecimento de água aos centros populacionais é grave. Há pessoas, sobretudo mulheres e crianças, que percorrem quilómetros e quilómetros em busca dela, para alimentação e limpeza. O recurso a águas inquinadas, de valas e de charcos, é a causa de muitos males. Alguns Irmãos deitam cheiro nauseabundo e não admira. Os hábitos de higiene inculcam-se pondo à disposição dos homens os meios

Notas de viagem

materiais necessários. Bem andou a Casa do Gaiato em construir em senzala próxima, um poço e um lavadouro.

x x x

Uma das maiores dificuldades que se encontra em África é o alcoolismo, sobretudo a partir de bebidas fermentadas; e em Moçambique não se foge à regra. Trata-se duma questão difícil de resolver mas que importa encarar de frente. Somos, porém, dos que entendem não ser solução a simples proibição do uso de líquidos alcoólicos.

x x x

Mesmo nas zonas onde o matriarcado é norma, muito há que fazer pela mulher africana. Quanto a nós, reside aí um dos aspectos mais graves da sociedade africana. Sem a dignificação da mulher não poderá haver progresso. Máquinas de fabricar filhos, burras de carga, instrumentos de prazer, são sempre de rejeitar. Só o Cristianismo, porém, é capaz de colocar no seu devido lugar a Mulher, não só pelo alto conceito que dela formula como pelos requisitos morais que comporta. Pena nos faz, pois, que para lá do pouco que está feito, por mal dos nossos pecados, se rejeitem aqueles que ainda podem e devem ajudar a fazer alguma coisa. Que ao menos se salve a constatação dos valores humanos, conduzindo as pessoas à aceitação dos benefícios que as confissões religiosas poderão levar à promoção e felicidade dos Povos Africanos.

VISITANTES

Eu não estava. Eles haviam telefonado a dizer que gostariam de conhecer a Obra, que só conheciam de doutrina; e que viriam por cá num domingo. Afinal, de passagem por perto aproveitaram a maré e vieram. Atendeu-os Manuel Pinto. Deu com eles uma volta pela Aldeia. Não sei as impressões que levaram. Sei as que deixaram. Um casal de meia idade, muito simples, ele funcionário público, aparência modesta.

Por promessa, amealhada aos poucos (que o vencimento não dá para tal!); ou por partilha de algum bem recentemente adquirido — à partida deixaram um cheque de oitenta contos.

E foram-se..., com certeza felizes. Mais nada!

Dia seguinte, um telefonema do Quartel General: «Safu daqui um carro que vai levar frescos que nos deram e entendemos reverter para a vossa Obra».

Dáí a momentos eles aí estavam: os frescos — frangos, chouriços, hortaliça, fruta... — mai-los seus portadores. Era uma carrinha com os frescos e uma data de homens; era um jeep com mais soldados; e um carro de cobertura jornalística com fotógrafo e tudo.

Foi uma grande notícia ao outro dia, com foto na primeira página de um diário e outra numa das interiores!

Padre Carlos



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa